



Editorial:

Dossiê – Santuários e Turismo Religioso

Peregrinação: Sentidos e Práticas

Editorial: Pilgrimage: meanings and practices

Carlos Alberto Steil*

Em termos etimológicos, peregrinação remonta ao vocábulo latino *peregrinus*, que designa o estrangeiro, aquele que vive alhures e que não pertence à sociedade autóctone estabelecida, ou seja, é aquele que, pela força do prefixo, percorreu um espaço e, neste espaço, encontra o outro. A peregrinação, portanto, está relacionada ao encontro com o outro, com o estrangeiro, instaurando, assim, uma situação de alteridade. Ao mesmo tempo, do ponto de vista do peregrino, a experiência da viagem por terras desconhecidas e inóspitas, carrega em si um traço de aventura e de heroísmo. Este movimento no espaço físico, por outro lado, remete o peregrino a um movimento interno, de busca e de encontro consigo mesmo. A alteridade externa torna-se, assim, uma metáfora da alteridade íntima do sujeito que se percebe cindido entre sua condição humana e seu devir existencial.

Assim, a peregrinação traz este duplo sentido, da viagem exterior do herói em direção ao outro e da jornada interior do virtuoso em busca de seu verdadeiro eu, que percorre os meandros e os labirintos da alma humana. Embora esteja comumente associada à religião, o primeiro sentido que configura a peregrinação,

Editorial submetido em 27 de abril de 2018 e aprovado em 29 de abril de 2018.

* Doutor em Antropologia Social (UFRJ) e Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. País de origem: Brasil. E-mail: steil.carlosalberto@gmail.com

da jornada do herói, pode ser associada à literatura do período clássico da Grécia Antiga, especialmente ao texto da Odisseia de Homero. A construção do peregrino ideal que se priva do conforto e da segurança da vida cotidiana para empreender a uma jornada de superação de si por meio de provações e sacrifícios, é devedora da odisseia do herói grego que enfrenta uma viagem cheia de dificuldades, marcada por sofrimentos e pelo intenso desejo de alcançar o ponto almejado. O segundo sentido remete à experiência mística de santos e virtuoso, presente na literatura das grandes tradições religiosas. Ao aproximar estas duas experiências, da jornada do herói e do místico, a peregrinação rompe com a fronteira entre exterior e interior e entre sagrado e profano.

Enquanto prática histórica e social, a peregrinação recobre uma variada gama de experiências de deslocamentos devocionais e rituais. Documentos e testemunhos do passado mais remoto já fazem referência a esse tipo de prática inclusive de grupos étnicos tradicionais, que foram descritos na literatura antropológica como organizados a partir de religiões locais. Pesquisas recentes de revisão de etnografias clássicas sobre a África, por exemplo, mostram que eram recorrentes os deslocamentos para além dos limites de suas comunidades para realizarem eventos religiosos supralocais. No caso da América do Sul, como foi registrado no clássico trabalho de Helène Clastres, a peregrinação constitui o modo de vida e de habitar o mundo dos guaranis que, ao recusar estabelecer uma sociedade sedentária, fundada sobre a diferenciação de classes sociais, empreende a infundável e mítica busca da “terra sem males” (Clastres, 1978). A peregrinação, como ritual, também faz parte da cosmologia das religiões mundiais: judaísmo, islamismo, budismo, hinduísmo incluem em seus códigos rituais e morais práticas de peregrinação. Os textos sagrados que fundamentam e configuram estas religiões, assim como as biografias de seus santos e heróis, inscrevem a peregrinação como prática espiritual e estabelecem tempos especiais e espaços sagrados para a realização de seus rituais. Assim, podemos afirmar que as peregrinações estão presentes tanto na paisagem quanto no calendário das

religiões locais e mundiais, demarcando espaços e tempos especiais em relação ao cotidiano.

A sociedade contemporânea, pós-religiosa, vem reinventando as peregrinações como rituais de busca de si e de aperfeiçoamento pessoal. As *religiões do self*, representadas, sobretudo, pelo sistema Nova Era, ao mesmo tempo em que se posicionam criticamente em relação ao regime religioso da transcendência, que conformou o modelo institucional que a religião assumiu na modernidade, também buscaram, em rituais cristãos medievais e no resgate de tradições pré-cristãs de antigas populações da Europa e das Américas, as bases para reinterpretar e incorporar as peregrinações em suas práticas. Em relação aos rituais cristão, tornou-se emblemática a revitalização da peregrinação a Santiago de Compostela que, a partir da última década do século XX, difunde-se como uma prática recorrente entre um número crescente de indivíduos de classes médias na Europa e nas Américas. Vividas como uma performance crítica ao racionalismo e ao consumismo da modernidade capitalista, estas novas peregrinações geralmente vêm associadas a valores ecológicos e alternativos ao sistema dominante. Esta reinvenção do Caminhos de Santiago de Compostela, por sua vez, enseja a criação de outras rotas de peregrinação fora da Espanha que se espelham no modelo de Santiago na Espanha.

Quanto ao movimento de resgate de tradições pré-cristãs na conformação das peregrinações, ele pode ser observado tanto na Europa quanto nas Américas. Nos dois contextos, há uma busca idealizada das raízes dos povos originários que habitaram estes continentes antes da cristianização da Europa ou da conquista e evangelização das Américas. Na Europa constata-se um esforço por identificar lugares de culto pré-cristãos que se tornam pontos de convergência de peregrinos que buscam conectar-se com energias e valores associados à natureza que teriam sido reprimidos pela civilização ocidental e cristã. Nas Américas, este movimento de busca das origens está associado às civilizações do passado pré-colombiano e a grupos indígenas do presente. Multiplicam-se, a cada dia, locais de peregrinações

onde são encenadas tradições indígenas do passado como um meio de produzir identidades indígenas contra-hegemônicas. A invenção destas tradições, via de regra, se processa na chave interpretativa da espiritualidade. Enfim, desvinculadas do modelo que predominou na configuração da religião na modernidade, estas novas formas de peregrinações apontam para a crescente autonomia da experiência do sagrado em relação à mediação das instituições religiosas tradicionais.

Enfim, o variado espectro de configurações empíricas que assumem as peregrinações na história e no espaço social, leva-nos a concluir que não temos como chegar a uma formulação específica ou como estabelecer um modelo único que nos permitiria chegar a uma definição unívoca desta prática ritual. Ou seja, as peregrinações recobrem uma variada gama de significados e experiências pessoais e coletivas que se conecta com os contextos religiosos, sociais, culturais e políticos em que elas se inserem. Como uma linguagem performática, moldam-se às mudanças sociais, às diferenças culturais, às variações ideológicas e às transformações históricas, refratando em suas diversas configurações traços e estilos de cada época ou contexto específico.